

marcas de passagem

Matheus Gabriel*

Há dia que nasce truncado, tropeçado. Para se fazer ideia, Lurdinha atrasou-se para a única entrevista de emprego no ano. Saiu batendo chaves e portas, enquanto a mãe, Dona Eulália, com passos curtos atrás, entregava a pasta de documentos e o bolo de fubá. “Não esquece de pedir pro Espírito Santo, filha.”

Terminou de passar o café, sentou-se na mesa da cozinha emendada à sala, e bebeu o quente. A respiração atravessada, fruto do despertar, aquietou-se com o correr do líquido pelos órgãos: Eulália era só, e descansava o momento de solidão. Sabia que já era quase hora de Ana, a neta, acordar. Sabia que já era quase hora de Maria Tereza, a mãe, acordar. Não que levasse desaforo no trabalho, ao contrário, cuidava com destreza da neném e da senhora. Tratava como recompensa ao crio que teve, e à luta da filha para o sustento da família. A pensão – era curta; em verdade, era engolida.

* Aluno da graduação em Letras na Universidade de Taubaté e jovem aprendiz no setor de Serviço Social no Hospital Regional do Vale do Paraíba. Foi um dos fundadores do Cursinho Popular Libertas, instituição que funciona como Projeto de Extensão da UNITAU e onde o autor atua como voluntário e colaborador na área de produção de texto. Email para contato: matheusgabrielpa@outlook.com.

E foi de súbito, quando se olha pra não pensar em nada, que Eulália notou a data grifada no calendário: era dia de exame do coração. E esse quase que parou, como quem quer cair, exigindo que as mãos viessem a apertá-lo. “Ai, meu Deus! Que cabeça.” Como se não bastasse o desconforto pelo esquecimento, Eulália avermelhou-se pensando na neta e na mãe... Levá-las? “Uma espoleta, outra nem andar, anda”. Cogitou soluções como hábito de gente responsável que era: ato burocrático. Nem vizinhos, nem parentes. Muros altos, cidade grande. Era um temor a única providência: a casa, a velha e a criança... Juntas, sozinhas.

Deslizou a mão sobre os ombrinhos de Maria Tereza, “Mãe... Mãe.” A velha, quase sentada, nem sequer abriu os olhos a ponto de deixar perceber que acordava. Mas era assim mesmo, “era de velhice”. Eulália explicou o ocorrido, parecia tom de desculpa. “Cuida da Aninha.” Ao despertar a neném, tentava se esquivar de pensamentos que a faziam tremer a boca: desejava pedir à criança que zelasse pela outra. “Aonde já se viu uma coisa dessas?” e chacoalhava a cabeça pra fugir com as ideias mal-vindas. Ajeitou as duas na sala: esparramou todos os brinquedos de Aninha no tapete, sentou a senhora na cadeira de balanço. Partiu.

Era fato que Aninha, desde a barriga da mãe, era danada. Chutes e socos surpreendiam os poucos bajuladores da grávida. “Essa não demora pra vir não”, anunciava a madrinha, em tom de sabida das coisas... E sabia. Veio prematura, em noite de lua cheia, com uma ânsia tamanha de viver. E para cessar sofrimento da avó, Ana nasceu gordinha, saudável. Tanto isso que o médico suspeitou erro na contagem dos meses. As mulheres riram do caso, riram risos de orgulho: “tinha que ser fínha de Lurdinha”. Acontece que ao correr do tempo, essa tendência à peste da menina convertia-se cada vez mais em argúcia. E era na esperteza de Aninha que Eulália apostava naquele dia; de certa forma, revigorava-se nela.

Já se havia passado quase cinco anos do nascimento. A bisavó da menina, por sua vez, quase não conseguia manter a não aparência, diminuta. Ia desaparecendo-se devagarinho, confundindo os anos, nem contados. A surdez e a cegueira já iam se fazendo maiores. A questão que ficava era que a cabeça ainda era boa: não acompanhava o ritmo demoroso do corpo. As coisas todas e as ideias perambulavam sem obstáculos. Difícil mesmo era a expressão: a boca soltava grunhidos pela fineza. Maria Tereza não se importava. Para ela era tempo de calma: preferia observar, e pensar, pensar. A vida era amiga agora, que ia se despedindo, cada vez mais longe, acompanhada pelos olhos fechadinhos da velha.

Mas, naquela manhã, desejou a expressão. Sabia que as poucas horas com a menina exigiriam algum tipo de ação. Suava frio... Os braços doíam ao limpar a testa com o paninho. Nos últimos anos, somente o parto que trouxe Aninha causou tanta apreensão. E era ela, a menina, de novo. Pedia em súplica, em pensamento: “Brinca, brinca!”, parecendo reger os bracinhos gordos da menina que balançavam as bonecas no ar. Ficou ordeira, a manhã. Conseguia até respirar bem, a velha: observava, pensava naquela criaturazinha cheia de vida. Lampejo: Aninha tacou a boneca no colo da bisavó: “Brinca, brinca!”. Maria Tereza sentiu vontade de chorar, mas nem força tinha. Os ossos comprimiam-se ao tentar agarrar a boneca. “Ah...” gemeu em desistência. As lágrimas que faltaram na velha por mera incompetência física, compensaram-se em cachoeiras na menina. Um berreiro de fazer arder os ouvidos defeituosos de Maria Tereza. As mãos tremiam, uma gota escorreu pelo rosto rubro. “O que faço, minha Nossa Senhora?” pensava. A menina continuava armando gritaria, sentada no tapete: “Quero minha avó, velha boba!”. A bisavó fechou os olhos e franziu o rosto. Tentava esconder lágrimas que não se faziam.

Para Maria não havia opções – vasculhava jeito qualquer de cessar aquilo – bastaria uma ideia. E foi de tal

maneira que nem precisou se fazer por inteira. Com força de jovem e decisão, a senhora agarrou a caneta que ficava sobre a banqueta do telefone, ao lado, e riscou o próprio braço. Cravou linha do punho ao cotovelo, violenta de ralar sangue. Risco. A bisneta, parecendo levar ultimato de mãe, parou: olhou para a ação com espanto e fez risinho de sarcasmo. Era o fim da birra... O início de uma aventura nem tão menos rebelde. Correu para o quarto para pegar todas as canetas que possuía. Procurou sob a cama, nas gavetas, em tudo: todas. Pressionando-as no colo, atravessou os cômodos derrubando algumas pela casa. Um suspiro de vitória, “ah”, e jogou-as no tapete. A bisavó sorriu... Sabia o que viria e não temeu. E, assim, entendidas que estavam, encontraram-se na caneta vermelha – escolha unânime. Aninha subiu no colo da velha, quase engatinhando, e completou o risco até o ombro. A resistência da pele flácida não foi empecilho – e amarelo e verde – para o banho de cores. Azul e roxo – enquanto as mãos gordinhas da bisneta deslizavam no pescoço rugoso. Para quem, de olhos atentos, observasse a cena, não era – o preto no branco – a pequenez da velhice posta em constrangimento

pelo grande do futuro, como marco. Mas sim uma espécie de passagem: era a consagração de uma infinitude.

As canetas se mostraram insuficientes para o rito. Aninha, sem nem se preocupar com julgamento da bisa, pulou para as desejadas tintas de pintar panos de prato da avó, Eulália. A beleza opaca das misturas delineou o rosto da velha, acariciado pelos dedinhos. Como agradecimento, as palmas de Maria tatearam sobre as mãos de Aninha, levando-as ao sorriso da criança. Gargalhadinhas, as duas. Os corpos inteiros iam se descobrindo: as texturas; os lances em que as tintas não chegavam; cada uma a si: na outra.

E como cansaço de uma dança indígena, Aninha pousou sobre os seios da bisavó. Maria Tereza baixou os olhos em sossego... Dormiram. Estáticas como os objetos da casa: cheios de vida em sua morbidez, num início de tarde que invadia pelas vidraças. E eram, as duas: vida e morte, lado a lado, como amigas. Há dia que se vai, assim, encantado.